

**O BOOMERANG DE FOUCAULT:
O NOVO URBANISMO MILITAR**

Stephen Graham

Tradução pelo colectivo do Book Bloc sobre a Cidade. O Book Bloc do RDA69 é um grupo de leitura informal que reúne algumas vezes por mês e se debruça sobre vários textos pertinentes para a análise dos tempos que correm.

[Http://bookblocrda.wordpress.com](http://bookblocrda.wordpress.com)

Enquanto o nosso planeta se urbaniza mais rapidamente do que nunca, um insidioso conjunto de efeitos boomerang, que ligam a doutrina de segurança das cidades do Norte Global com aquelas do Sul, estão a permear táticas estatais de controlo na vida urbana quotidiana.

A 4 de Setembro de 1976, Michel Foucault, o eminente teórico social francês, desceu cautelosamente ao pódio para uma palestra lotada no Collège de France, situado no Bairro Latino, na margem Sul de Paris. Apresentando a quinta de uma série de onze palestras sob o título 'Il faut défendre la société' (Em defesa da Sociedade), por uma vez Foucault focou a sua atenção nas relações entre sociedades ocidentais e aquelas noutros lugares do mundo. Indo para além das lendárias re-teorizações sobre como conhecimento, poder, tecnologia e espaço geográfico foram combinados para sustentar o desenvolvimento das modernas ordens sociais nas sociedades ocidentais, Foucault realizou uma rara incursão nas discussões sobre colonialismo.

Em vez de meramente sinalizar a história através da qual os poderes Europeus haviam colonizado o mundo a abordagem de Foucault foi mais singular. Como alternativa, ele explorou a forma como as colónias haviam sido envolvidas numa série de experiências políticas, sociais, legais e geográficas que foram, posteriormente, trazidas de volta para o Ocidente naquilo que Foucault - possivelmente influenciado pelo famoso trabalho de Hannah Arendt sobre totalitarismo - chamou de "efeitos boomerang". "Nunca deve ser esquecido", refere Foucault:

"que enquanto a colonização, com as suas técnicas e as suas armas políticas e judiciais, transportou obviamente modelos Europeus para outros Continentes, também teve um considerável "efeito boomerang" nos mecanismos de poder no Ocidente e nos dispositivos, instituições e técnicas de poder. Toda uma série de modelos coloniais foi trazida de volta para o Ocidente, e o resultado foi que o Ocidente pôde praticar algo semelhante à colonização ou a uma colonização interna, nele próprio"

Tais "efeitos boomerang" centraram-se no ordenar da vida de populações domésticas e no estrangeiro - o que Foucault denominou "biopoder" e "biopolítica" - em vez da proteção do território soberano *per se*. Foucault fez pouco para elucidar isto em detalhe e raramente abordou o colonialismo ou pós-colonialismo posteriormente. No entanto, a sua noção de "efeitos boomerang" coloniais é poderosa porque aponta para lá de ideias tradicionais sobre a colonização, para um processo bidirecional no fluxo de ideias, técnicas e práticas de poder entre o coração metropolitano do poder colonial e os espaços periféricos colonizados. Tal perspectiva revela, por exemplo, que as cidades imperiais da Europa foram muito mais do que beneficiárias, pontos de controlo organizando explicitamente as técnicas da economia 'colonial' de pilhagem e expropriação através de expedições, plantações, exploração mineira, extração de petróleo ou escravatura. Elas foram, igualmente, muito mais do que o produto de booms económicos originados pelo processamento e manufatura dos recursos extraídos das colónias.

Desde a famosa prisão Panóptica, passando pela radical reestruturação de Paris por parte do Barão de Haussmann através de avenidas facilmente vigiadas, até à adopção da impressão digital: muitas das grandes transformações no século XIX nas cidades Europeias haviam sido antes ensaiadas em cidades e periferias coloniais. Cidades e espaços coloniais que providenciaram também zonas de experimentação através das quais os poderes ocidentais

tiveram a possibilidade de ensaiar e aperfeiçoar técnicas de bombeamento aéreo, encarceramento em massa dentro de campos de concentração e extermínio étnico que constituíram as fundações-chave para o governo totalitário e para a guerra total na Europa no século XX.

Cidades sob cerco

Enquanto o nosso planeta se urbaniza mais rapidamente do que nunca, um novo e insidioso conjunto de efeitos *boomerang* permeiam o tecido urbano e a vida urbana. Abastecido, e perpetuando, pelas extremas desigualdades que se foram multiplicado enquanto a globalização neoliberal se estendia pelo mundo, este novo urbanismo militar é uma constelação de ideias, técnicas e normas de segurança e doutrina militar. Como demonstrei no meu livro recente, *Cities Under Siege* (Cidades Sob Cerco), estes processos encontram-se intimamente ligados com a predação militarizada e neocolonial de recursos distantes, necessários para sustentar a riqueza das cidades ocidentais e seus estilos de vida urbanos. Estas fundem-se facilmente com o mundo da cultura popular, centrado-se em objectos de entretenimento electrónico militarizado, automobilidade e estilos de vida urbanos organizados através de novas tecnologias de origem militar. Estas constelações relacionam-se de perto com a proliferação de insurgências não-estatais, que se aproveitam das próprias arquiteturas e circulações das cidades como meio de iniciar a sua violência.

Assim, os *drones* Israelitas designados para verticalmente subjugar e alvejar Palestínianos, são agora rotineiramente usados por forças policiais na América do Norte, Europa e Ásia Oriental. Operadores privados das prisões “supermax” (prisões de segurança super-máxima) dos Estados Unidos encontram-se fortemente envolvidos em gerir o arquipélago global que organiza o encarceramento e tortura, que tem germinado desde o início da “guerra ao terrorismo”. Corporações militares privadas têm colonizado fortemente os contratos de “reconstrução” no Iraque e em Nova Orleães, simultaneamente. Especialistas israelitas no controlo da população são regularmente solicitados por aqueles que planeiam operações de segurança para as principais cimeiras e eventos desportivos. Mísseis guiados e exércitos privados trabalham para a segurança de grandes eventos, de Jogos Olímpicos a Campeonatos do Mundo, até cimeiras políticas e do G20. Inclusivamente, as políticas “*shot to kill*” desenvolvidas para confrontar os riscos de atentados suicidas em Tel Aviv e Haifa, têm sido adotadas pelas forças policiais nas cidades Ocidentais (um processo que levou diretamente ao assassinato estatal de Jean Charles De Menezes por parte da polícia anti-terrorista de Londres, em 22 de Julho de 2005).

Entretanto, o policiamento agressivo e militarizado contra manifestações públicas e mobilizações sociais em Londres, Toronto, Paris ou Nova Iorque utiliza agora as mesmas “armas não-letais” que o exército de Israel utiliza em Gaza ou Jenin. Construções de “zonas de segurança” perto dos núcleos financeiros estratégicos de Londres e Nova Iorque ressoam as técnicas usadas na “*Green Zone*” de Bagdad. E muitas das técnicas usadas para fortificar enclaves em Bagdad ou na Cisjordânia estão a ser vendidas por todo o mundo como soluções de segurança de ponta e “testadas em combate”, por parte de coligações de corporações vinculadas a Israel, Estados Unidos e outras companhias e estados.

Crucialmente, tais efeitos *boomerang* que ligam a segurança e a doutrina militar nas cidades do Ocidente com aquela nas periferias coloniais, são apoiadas pelas geografias culturais que

sustentam a direita e a extrema-direita políticas, juntamente com comentadores recetivos a intervenções militares dentro dos próprios exércitos ocidentais. Estes tendem a julgar as cidades como espaços intrinsecamente problemáticos *per se* - os principais locais onde se concentram atos de subversão, resistência, mobilização, dissensão e protesto que colocam em causa a segurança nacional dos Estados.

Ao representar confusamente todas as cidades como espaços problemáticos fora dos espaços rurais ou peri-rurais das autênticas comunidades nacionais, são óbvios os movimentos entre representações de cidades que ocorrem entre periferias coloniais e centros capitalistas. A construção de enclaves fechados por parte do exército norte-americano em Bagdad desde 2003, inspirados nas práticas de Israel, foi largamente descrito pelo *staff* da segurança dos Estados Unidos como um desenvolvimento do estilo dos “condomínios fechados” no seu país. No rescaldo da devastação de Nova Orleães pelo furacão Katrina no final de 2005, os oficiais do exército dos Estados Unidos falavam da necessidade de recuperar a cidade dos “rebeldes” de estilo Iraquiano.

Orientalismo do centro da cidade

Como sempre, então, as imaginações da vida urbana nas zonas colonizadas interagem fortemente com aquelas nas cidades dos colonizadores. De facto, a projeção de metáforas coloniais e exemplos de segurança sobre as metrópoles pós-coloniais nos centros capitalistas é impulsionada por um “Orientalismo do centro da cidade”. Este depende da proliferação entre comentadores da direita securitária ou militarista de uma representação dos bairros de imigrantes nas cidades ocidentais enquanto zonas “atrasadas” que ameaçam o corpo político da cidade e nação ocidental. Em França, por exemplo, o planeamento estatal do pós-guerra trabalhou para conceptualizar os aglomerados e periféricos projectos de habitação dos “*banlieues*” (subúrbios) como reservas quase-periféricas, ligadas, mas distantes, dos centros metropolitanos do país. Amargas memórias da Argélia e de outras guerras anti-coloniais saturam o discurso da extrema-direita sobre a decadência do “poder branco” e da “insegurança” causada pelos “*banlieues*” - um processo que levou à mobilização dramática das forças de segurança estatais dentro e nas imediações dos principais complexos de habitação de imigrantes.

Os protestos de 2005 foram apenas os últimos numa longa linha de reações contra a contínua militarização e securitização desta forma de colonização interna e segregação forçada, dentro daquilo que o geógrafo da Royal Holloway, Mustafa Dikeç, denominou de “*badlands*” (paisagens áridas) da República Francesa.

De facto, é tal a confusa amálgama entre terrorismo e migração por parte da direita contemporânea que simples atos de imigração são agora tomados como pouco mais do que atos de guerra. Esta mudança discursiva tem sido denominada de “armamento” da migração (Cato, 2008) - a mudança de uma ênfase nas obrigações morais de oferecer hospitalidade a refugiados, para uma criminalização e desumanização dos corpos dos migrantes como armas contra uma suposta homogénea e etno-nacional base do poder nacional.

Aqui, os últimos debates sobre “assimetria”, “irregularidade” ou “guerra de baixa intensidade”, onde nada pode ser definido de fora de ilimitadas e intermináveis definições de violência política, criam uma névoa desconfortável em relação ao cada vez maior clamor de demonização, por parte dos comentadores da direita e da extrema-direita, das diásporas

ocidentais e das cada vez mais cosmopolitas cidades ocidentais. Samuel Huntington, indo para além da sua tese do “choque de civilizações”, agora argumenta que o próprio edifício do poder norte-americano e da identidade nacional está em risco não por causa de um terrorismo global Islâmico, mas devido ao facto de “não-brancos” e, especialmente, grupos latinos estarem a colonizar e a dominar as áreas metropolitanas dos Estados Unidos (Huntington, 2005).

A nova economia da segurança

Dado o movimento de dois sentidos dos exemplos do novo urbanismo militar, entre as cidades ocidentais e aquelas nas fronteiras coloniais, abastecido pelo anti-urbanismo instintivo da segurança nacional dos estados, não é surpresa que cidades em ambos os domínios estejam a começar a exibir, surpreendentemente, semelhanças, entre as suas mais óbvias diferenças. Em ambas, proliferam fronteiras rígidas de estilo militar, cercas e *checkpoints* em torno de enclaves protegidos e de “zonas de segurança” sobrepostas à cidade vasta e aberta. Barreiras anti-explisões, controlos de identidade, *CCTVs* computadorizados, vigilância biométrica e controlo de acesso de estilo militar que protegem arquipélagos de enclaves fortificados de um exterior visto como desregrado, empobrecido ou perigoso. No primeiro caso, estes englobam *green zones*, prisões de guerra, bairros étnicos e segregados, ou bases militares; no último, crescem em redor de bairros financeiros estratégicos, zonas de embaixadas, espaços turísticos, complexos portuários e aeroportos, espaços de eventos desportivos, condomínios fechados e zonas de processamento de exportações.

De forma crucial, o novo urbanismo militar é sustentado por uma nova economia da segurança a crescer rapidamente. Esta engloba e alastra-se através de complexos industriais transnacionais que fundem companhias militares e de segurança com outras de tecnologia, vigilância e entretenimento; uma vasta variedade de consultores e indústrias que vendem soluções de “segurança” como ‘balas de prata’ para problemas sociais complexos e uma complexa aglomeração de pensadores militares e de segurança que atualmente argumentam que a guerra e a violência política se centram essencialmente nos espaços do quotidiano e nos circuitos da vida urbana.

Enquanto ideias difusas e abrangentes sobre “segurança” se infiltram e influenciam virtualmente todos os aspetos da política pública e da vida social, estes complexos industriais-securitários emergentes trabalham em conjunto nos desafios altamente lucrativos de perpetuamente alvejar atividades, espaços e comportamentos quotidianos nas cidades e nas circulações que os ligam entre eles. A proliferação de guerras que sustentam uma permanente mobilização e prevenção, uma ubíqua vigilância dentro e fora das fronteiras terrestres, a qual significa que, como refere Giorgio Agamben, o imperativo da “segurança” agora “impõe-se ele próprio como princípio básico da atividade estatal”.

No meio da crise económica global, as assim designadas indústrias da “segurança nacional” - por vezes melhor designadas por algumas comentadores críticos como a “indústria pacificadora” - estão em modo bonança. Enquanto o paradigma da “segurança nacional” do pós-11 de Setembro nos Estados Unidos é difundido pelo mundo, a indústria - avaliada em 142 mil milhões de dólares em 2009 - é expectável que aumente o seu valor para 2,7 biliões entre 2010 e 2012. As taxas de crescimento encontram-se entre 5 e 12% por ano.

Igualmente importante, as mesmas constelações de companhias de “segurança” encontram-se envolvidas na venda, estabelecimento e operacionalização das técnicas e práticas do novo

urbanismo militar, simultaneamente nas zonas de guerra e nas cidades “nacionais”. O principal agente de segurança para os jogos Olímpicos de Londres - G4S, mais comumente conhecida pelo seu anterior apelido, *Group 4* -, a maior companhia de segurança do mundo, é um excelente exemplo desta situação. Para além dos seus contratos de segurança de 130 mil libras para os Jogos Olímpicos, opera a maior força privada de segurança do mundo - 630 mil pessoas - ocupando uma miríade de contratos em *outsourcing*. Faz segurança em prisões, centros de detenção de asilos, instalações de gás e petróleo, *VIPs*, embaixadas, aeroportos (incluindo os de Doncaster e Bagdad) e outras infraestruturas, e opera em mais de 125 países.

De acordo com o seu *website*, G4S especializa-se em particular no que denominam de “suporte de vida em estilo executivo para ambientes perigosos” (presumivelmente isto refere-se a Bagdad e não à zona Este de Londres). Depois de comprar a companhia mercenária *ArmorGroup* em 2008, atualmente gere também um largo número de operações de segurança no Iraque, ao estilo *Blackwater* (empresa militar privada, também atuando segundo um estilo mercenário).

O novo urbanismo militar é furtivo e insidioso. Os seus circuitos e efeitos *boomerang* operam para lá de escrutínio democrático de forma a evitar os direitos democráticos do dissenso. Acima de tudo, os seus vários elementos trabalham em conjunto para furtivamente constituírem uma nova noção de uma vida urbana “normal”. Esta é baseada numa vigilância preventiva, na criminalização do dissenso, na perda de direitos civis, e na obsessiva securitização da vida quotidiana para suportar sociedades cada vez mais desiguais. O primeiro desafio para aqueles que lutam contra tais tendências, portanto, é demonstrar que estas não são inevitáveis à luz de um naturalizado estado das coisas. Ao invés disso, trata-se de elementos de um projeto mais vasto de um fundamentalismo de mercado neoliberal que, enquanto totalmente falhado e completamente ilegítimo, ressoa sem um competidor de pleno direito (por enquanto).